

ASSIGNATURA

12 números — 5\$000 rs.

# A Ordem

N.º avulso — 500 reis

RED. SECRETARIO

PERILLO GOMES

DIRECTOR

JACKSON DE FIGUEIREDO

Toda a correspondência deve  
ser dirigida para a

RUA RODRIGO SILVA, 7

RIO DE JANEIRO

## NOSSO PROGRAMMA

Esta modestissima revista, desejando ter um lugar entre as publicações mais radicadas á doutrina da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, não aspira, entretanto, a ser official ou officiosamente a palavra da autoridade catholica na mais importante das Archidioceses brasileiras.

Tudo quanto fôr aqui publicado é da exclusiva responsabilidade de seus redactores, a quem, unicamente, deverá ser imputado pelos inimigos da Igreja, tudo quanto lhes parecer dureza ou offensa em nossa maneira de doutrinar ou de combater os seus erros. Outros também que unicamente a nós deverão dirigir reparos ou apodos são os proprios catholicos que, em grande maioria, adoptaram, no Brazil, todas as subtiliezas do mais nefando espirito accomodatício, de que tem resultado que sejamos, desde os tempos da monarchia, uma irrisão politica e social aos nossos proprios olhos, a mais triste, a mais lastimavel e inefficiente das forças militantes na historia contemporanea de nossa patria.

Nós, que com sacrificio real comprehendemos esta cruzada, estamos, esperamos em Deus, bem preparados, para as injustiças que nos venham dos dois lados.

Queremos dizer a verdade e quando, em tributo á nossa misera humanidade, incidirmos em erro, uma parte pelo menos temos fé que se salvará dessa mesma verdade: o seu character subjectivo, a nossa sinceridade, a convicção com que nos abalançamos a exercer a critica em qualquer sentido.

Do que já temos dito bem se pode inferir que esta revista não

trará sómente ao nosso meio social a pagina de serena apologia ou de documentada defesa do nosso credo religioso. Ella será também de combate aos erros do momento — erros que nem só os inimigos da Igreja commettem — e de applauso ás conquistas reaes da acção social e politica do Catholicismo no seio da nação brasileira.

Aqui estamos convictos de que o mal que mais fundamente fere a nossa sociedade no regimen republicano, que o Conselheiro Ruy Barbosa vem de declarar á borda do tradicional abysmo, não é esta ou aquella doutrina malsã, que parece influir nos nossos destinos, não é este ou aquelle grupilho de ambiciosos que nos exploram, este ou aquelle artigo bem ou mal interpretado da constituição politica que adoptamos — adoptamos, dizemos, e não creamos, como fôra de desejar.

O mal vem de mais longe e é o que se pode denominar de horror á luta, de horror ás posições definidas, de horror a todo e qualquer sacrificio do bem estar material no altar de qualquer idéa ou crença, por mais amada que seja.

Esquecida a sorte daquelles miseraveis que invejão todo e qualquer outro destino, que não o seu, no Inferno do Dante, a maioria absoluta da nação brasileira, mesmo encarada no quadro das suas elites, nada mais quer que viver, sem attrahir jámais «nem merecido louvor nem censura infamadora».

Deseja-se viver — eis tudo — não importa quase se bem ou mal com a propria consciencia. Povo intelligente, encontra sempre meio de justificar-se ante si mesmo.

E foi desta forma que chegamos ate o pandemio actual em que, no seio de uma nação de trinta mi-

*A questão de sempre é saber se o homem deve nascer, viver, unir-se, morrer, receber, transmittir e deixar a vida como uma creatura de Deus, a Deus destinada, ou como uma larva aperfeiçoada, unicamente originaria das fermentações do lodo da terra.*

L. Veillot.

lhões de individuos, não ha um só partido, uma só organização politica em derredór de uma idéa religiosa, em derredór mesmo de qualquer idéa menos elevado, mas que constituísse uma finalidade aos nossos esforços, servindo de força reguladora, harmonisadora de todos os progressos materiaes, que circumstancias especiaes da vida economica universal têm permittido que surjam entre nós, mesmo em meio de tanta desordem.

E foi desta forma que vimos cahir, tão merecida quanto desruídoamente, um throno de quase annos — onde meio seculo se sentara a honestidade, a bondade mesma, que nada mais tentava fazer de grande e de notavel do que enviar commendas a Renan ou confessar timidez a Victor Hugo... elle, o pobre velho, elle, no entanto, o chefe de um Estado em que a Religião Catholica era a religião official...

E foi assim que quase sem um protesto vimos separar-se a Igreja do Estado, quando o paiz adoptava as mais radicaes reformas democraticas e a maioria absoluta dos seus cidadãos era, como ainda é, catholica.

E é assim que temos assistido quase indifferentemente, nestes trinta annos de republica, os maiores attentados em materia de educação



dos nossos filhos, e supportamos as immensas despesas de um Congresso, que nós próprios elegemos, e em que raros são os que têm a coragem de se proclamarem defensores do nosso credo religioso, isto é, d'aquillo que consideramos a nossa mais sublime e insubstituível riqueza espiritual.

E nem ao menos se poderia dizer que contra nós, catholicos brasileiros, se hão levantado forças de real grandeza e tenebrosa magnitude... Não; temos sido vencidos, em todos os domínios da vida social do Brazil, por agrupamentos ridiculos de vontades, também tibias e incertas mas — esta é a verdade — menos tibias sómente, menos incertas que as nossas, quando se trata de lutar. Mas uma cousa deve ficar também, desde já, accentuada. A direcção desta revista não soffre a molestia do pessimismo. Pelo contrario. Se protesta contra este estado de cousas, que nos deshonra, é justamente porque crê que será ouvida, acredita que o momento é chegado em que, reduzidos como estamos a uma quase asphyxia das nossas mais nobres aspirações, reagiremos todos. Pelo contrario, repetimos: esta revista terá, ou melhor, tem, pois que já vive, character accentuadamente nacionalista, dentro de seu programma de catholicismo integral. Cremos no brasileiro, na sua capacidade moral e intellectual, e, conformando-nos rigorosamente com as regras hierarchisadoras, com as distincções reconhecidas pela Igreja Catholica no seio da humanidade, faremos tudo quanto um catholico pode e deve fazer contra o bastardo espirito de cosmopolitismo, que é talvez o factor principal do nosso scepticismo social, até o presente.

Amando ardentemente as tradições christãs, que herdamos da nossa ascendencia européa, não concorreremos nunca para um movimento de odio contra o estrangeiro europeu, seja elle de que nacionalidade fôr, mas isto não impedirá que tudo façamos para que seja um facto a autonomia do brasileiro em sua propria terra, para que a direcção intellectual e politica da nação tenha character positivamente brasileiro.

É preciso que em todos os domínios da nossa vida se faça sentir a autoridade do espirito nacional.

Já se disse que um catholico não pode falar assim, porque na ordem religiosa que reconhecemos, a primeira autoridade não se encarna num brasileiro.

Negamos uma tal asserção, ou melhor, negamos que ella corresponda á realidade dos factos.

Sem incidirmos, nem de leve, nos perigosos e malfadados erros do gallicanismo, a verdade é que nunca poderemos admirar, tanto quanto merece, na divina organização da Igreja, a sabia harmonia dos seus principios universaes com as realidades particulares da historia humana. E a autoridade dos Bispos, porque emanada da Santa Sé Apostolica, de uma autoridade universal, nem por isto se contrapõe ao character do povo sobre que se exerce. É catholica mas é brasileira, como é francesa, ingleza ou italiana, porque como tal a propria Santa Sé a reconhece.

Está assim, ao que nos parece, completa e francamente delineado o nosso programma, traçado o rumo que seguiremos.

A obediencia á auctoridade ecclesiastica — signal distinctivo do verdadeiro catholico — não precisamos proclamal-a.

Ella se fará ver, sincera e immediata, todas as vezes que esta autoridade assim exigir, no legitimo exercicio dos seus sagrados direitos.



## D. SEBASTIÃO LEME

Acceitando para seu Coadjutor nesta Archidiocese a S. Excia. o Sr. Arcebispo D. Sebastião Leme — á hora mesma em que presentiu que o honroso e justificado cansaço poderia tornar menos firme o pulso que, tantos annos, dirigiu com felicidade esta grande Igreja, que é como que o coração da Igreja brasileira — S. Eminencia, o Sr. Cardeal Arcoverde, vem de se constituir, mesmo de um ponto de vista puramente humano, credor de immorredoura gratidão, da parte de todos os verdadeiros crentes, e não só do Rio, mas de todo o Brazil.

O futuro parece que se nos faz presente, assegurado como está tam-

bem que o alto criterio e a nobre discreção de S. Eminencia, não só agora se desdobram, mas amanhã não empallidecerão no successor escolhido.

D. Sebastião Leme era justamente o grandioso vulto de Pastor, que á lembrança de todos se apresentava, como digno de succeder á veneranda figura do primeiro Cardeal sul-americano, no scenario tumultuoso mas ao mesmo tempo o mais proprio de uma alma de eleição, que é este, não resta duvida, do Rio de Janeiro, centro de que se irradia toda a vida moral e intellectual da grande patria brasileira. O seu governo da Archidiocese de Olinda se revestia de tanto brilho, demonstrava tanto vigor e coragem, contava tantas uteis conquistas nos domínios da acção social catholica, que nada mais natural do que — confirmadas assim as suas victorias anteriores — ter-se feito S. Excia. o mais alto padrão das nossas esperanças, o mais justo orgulho do coração catholico do Brazil contemporaneo.

De lá mesmo, a verdade é que já se derramava por toda a parte, no paiz, como que um sangue novo de fé, atravez da sua immensa capacidade de sympathia, da sua extraordinaria vivacidade intellectual, da serena belleza da sua palavra, do ardor do seu apostolado.

Seductor e conductor de almas, configurador de energias, era a sua voz, de alguns annos a esta parte, a vivificadora por excellencia da intelligencia catholica, na grande patria assignalada pelo Cruzeiro do Sul.

Não fôra a sua primeira Pastoral á Archidiocese de Olinda como o protesto solemne de um grande coração, que se não contenta só do dever cumprido, e quer mais, quer a luta, quer também as vantagens da offensiva contra as hostes do mal? Ao escrevel-a, D. Leme parecia ter presente as christianissimas palavras de José de Maistre: «Ce que suffit ne suffit pas»... «Celui qui ne fait que ce qui est justement obligatoire, ne le fera bientôt plus complètement».

E não se pode negar que a sua voz accordou, não só no coração catholico, as energias adormecidas, por tantos annos de accommodaticos respeitos «entre as duas Cidades inimigas». Até a consciencia dos que vacillavam se sentiu, de repente, ao clamor daquella voz, ao vibrar daquelle protesto, como que tocada de mysteriosa aza, ainda quente de um céo de tempestade!...

E ha até quem jámais poderá esquecer que foi ao appello do grande Bispo brasileiro que sentiu, pela primeira vez, contra si mesmo, aquella colera racional de que falava também José de Maistre, e envergonhou-



se de estar entre os indecisos, indignos do amor de Deus, incapazes de discernir o dever integral no horizonte da vida, que se lhes impõe, no entanto, como uma terrível aposta entre o Bem e o Mal, a Verdade e a Mentira.

Lil-o agora, graças a Deus, á frente da Igreja do Rio de Janeiro que, repetimos, é como que o coração da Igreja Catholica no Brazil, aquella que soffrerá sempre os mais rudes embates nas perseguições, se não na pessoa dos seus Bispos, pelo menos, na consciencia de todos os seus membros; aquella tambem a quem cabe contrapor-se de mais perto ao indifferentismo, ao scepticismo, ao atheismo, que, dos grandes centros urbanos, como o Rio, levam a desordem aos mais longinquos recantos da vida social de uma nação.

Este combatente «sans peur et sans tache», tem agora encarnada a sua magnitude no mesmo homem que ha cinco annos aconselha que «rompamos com o marasmo atrophiante com que nos habituamos a ser uma *maioria nominal*, esquecida dos seus deveres, sem consciencia dos seus direitos».

Mas um Bispo não sendo nunca o homem daquella especie de paz que faz ainda maior mal que a guerra, tambem não pode ser, exclusivamente, um vibrador de raios e de anathemas. Elle é o chefe de um grande exercito e se, nas suas fileiras, faz questão de disciplina e de ordem, sabe bem, que a exemplo de Jesus Christo mesmo, é de amor a sua lei, a lei a que quer ver sujeitos e obedientes, não só os que ao seu lado combatem, mas até aquelles contra quem combate, pois se os combate é no desejo de arrancar-os do mal, que é desobediencia, indisciplina e desordem.

Ora, entre D. Leme e o exercito que acaba de lhe ser confiado, o amor, este amor de que falamos, não será mais o resultado de uma experimentação mutua, a fazer. O grande chefe volta, e revestido de maior autoridade, a dirigir soldados que o amavam e amam entusiasmaticamente.

E tudo ha que esperar do coração de um Bispo que, além das graças proprias do seu estado, tem a illuminal-o todos os dons naturaes de uma intelligencia de escol e de um caracter já de si privilegiados.

«Lorsque Dieu s'apprete à former le cœur d'un évêque — dizia o grante e suave Mr. Freppel, em linguagem que não ousamos traduzir — il ne suffit pas d'y placer cet amour de fraternité qui fait incliner notre âme vers tous les membres de la grande famille humaine. Non, il crée, il développe en lui ce qu'il y a de plus vir, de plus délicat, de plus

profond dans les affections d'ici-bas: il emprunte au cœur du père cette bonté et cette sollicitude de l'homme qui s'est senti revivre avec bonheur dans d'autres lui-même; il prend dans le cœur de l'époux cet attachement tendre et fort qui tient une vie enchaînée pour toujours à une autre vie; et c'est du mélange de ces deux sentiments purifiés, agrandis, transformés par sa grace, qu'il fait le cœur d'un évêque».

Em D. Leme, todos os que o conhecem, reconhecem essa maravilhosa harmonia, que Deus sabe crear no coração dos seus Pastores, unindo num mesmo espirito de sacrificio o amor de esposo para com a sua Igreja, o amor de pae para com os que a compõem.

E, como dissemos, se nesta Igreja ha corações valentes, ha corações que não temem a luta, que desejam medir forças com as hostes paganisantes do mundo moderno, certo elles têm agora chefe destemeroso, experiente, sabio e ousado, prudente e heroico, digno de commandar o avanço em grandes batalhas, e capaz de manter a disciplina e a coragem na guerra surda e lenta de todos os dias.

Não será elle quem vacillará quando, como chefe, lhe for preciso repetir aquella palavra de Moysés: *Si quis est Domini jungatur mihi!*

Glorie-se a Igreja do Rio de Janeiro! Ella vac brilhar aos olhos do mundo sob as bênçãos «do grande brasileiro, que primeiro e unico da America Latina mereceu a honra excelsa de ter assento na mais alta e escolhida, na mais nobre e veneranda assembléa que a Historia conhece—o Sacro Collegio de Roma»; sob as bênçãos, sob os cuidados do grande Bispo que até ao solio «onde centelhou resplandecente a alma heroica de D. Frei Vital» poude accrescentar novas refulgências, novos titulos de gloria christã.



## O CASO DOS NEGROS AMERICANOS

Em dias do mez passado a mesa da Camara annunciou a existencia de um projecto de lei assignado pelos Srs. Cincinato Braga e Andrade Bezerra, aquelle deputado por S. Paulo e este, *leader* da bancada pernambucana naquella casa do Congresso. O projecto autorisava o governo a impedir a localisação dos negros americanos no territorio nacional.

Tratava-se, portanto, de uma questão realmente grave. E justamente por isto, tudo fazia crer que fosse

conduzida com a maxima ponderação.

Mas no Brazil ou estamos perdendo completamente a noção do bom senso ou pelo menos o sentido da responsabilidade.

Assim, contra a natural expectativa, os animos, na Camara, por causa deste projecto, chegaram a excessos de exaltação, e a imprensa, em grande parte, pareceu não ter outro myster senão o de acirrar os odios neste debate.

E contudo, ainda não entrou oficialmente em discussão, o projecto dos Srs. Cincinato Braga e Andrade Bezerra!

A quem quer que com espirito desprevenido acompanhasse nos seus aspectos geraes o desenvolver dos acontecimentos em torno deste caso, ressaltaria logo que, se havia levandade no ataque ao projecto dos dois illustres deputados, havia tambem muita insidia e má fé. Tanto que, chegou-se até a insultar a Religião sómente porque um dos deputados signatarios do referido projecto, tem a coragem moral de affirmar sem rebuços a sua fé catholica.

Contudo, é nosso dever assignalar que houve, mesmo na imprensa, quem com alto espirito de justiça, discutisse, apoiando afinal, a medida alvitada pelos Srs. Cincinato Braga e Andrade Bezerra. E basta uma ligeira exposição dos motivos que determinaram a attitudo destes deputados na questão em foco, para lhes não recusarmos os nossos protestos de sympathia.

Sabe-se que os Estados Unidos contam como a mais grave das suas questões internas o accumulo formidavel da população negra em seu territorio porque ella constitue alli, hoje, realmente, uma força poderosa. O americano preto e o americano branco tratam-se com mutua suspeita, do que tantos conflictos se tem originado.

Isto é francamente condemnavel no americano branco. Mas, por maior consciencia que elle venha a ter desta falha do seu caracter, jámais seria de esperar que se reconciliasse com o seu irmão negro.

De modo que para evitar um grande choque entre massas da sua população branca e preta, portanto por uma questão mesmo de tranquillidade interna, a unica solução encontrada pelos estadistas *yankees* é localisar fóra dos Estados Unidos os seus milhões de negros.

Esta solução aliás, foi apoiada pelos *leaders* da sua população preta.

Onde encontrar porém um paiz despolicado e absolutamente alheio ao seu destino, que dêsse guarida a uma tão consideravel massa de imigrantes?

Era difficil.

Lembraram-se afinal do Brazil, os



americanos brancos, já desanimados até da republica da Liberia.

Não é de agora que correm noticias de vendas de terra em grandes lotes, a estrangeiros, na região da amazonia e no Estado de Matto-Grosso. Agora verifica-se que os compradores operavam para um vasto syndicato americano e que as terras já adquiridas abrangem uma superficie superior a de alguns países europeos. E ao mesmo tempo se descobre que o plano do syndicato era trazer para essas terras os negros da America do Norte.

Do ponto de vista americano, como dizia pelo «Correio da Manhã» o Sr. Mario Guedes, o negocio era excellente. Do ponto de vista brasileiro ha porventura quem, em consciencia, não se alarme e se indigne, dada a hypothese do governo não obstar o plano deste syndicato?

E por isto que em certa imprensa se começa a fazer um trabalhinho no sentido de embahir a opinião publica. Explora-se uma das nossas maiores e mais perigosas velleidades: a do liberalismo. Velleidade que nos transmittiu por legado o nosso ultimo soberano que fazia della um grande garbo, o que entretanto não o impediu de ser apeado pela revolução...

É portanto ferindo a corda do nosso sentimentalismo, que se tem procurado desviar do verdadeiro curso, a vigilancia do povo no caso dos negros americanos. Dahi porque é necessario esclarecer que o projecto Cincinato-Andrade Bezerra pretende impedir a entrada dos negros americanos no Brazil, não pelo unico facto de serem negros. Se taxativamente dirige-se aos negros americanos é porque são elles que estão em causa.

Ha aqui, acima de tudo, o patriotico empenho de impedir que transplantemos para nossa terra um perigo que os Estados Unidos, apesar dos seus immensos recursos, entraram de receiar e temer. Trata-se portanto de um caso de segurança publica, de harmonia interna, de vida e morte para nossa ainda insegura nacionalidade.

É preciso dizer que as questões desta natureza não se resolvem com divagações sentimentaes. Nós estamos em uma phase excepcional que tão cedo, é de prever, não se repetirá. Queremos dizer que estamos em uma epocha que nos permite fazer escolha na corrente immigração. Em toda parte do mundo ha gente que quer vir para a America do Sul. Não ha motivo para que percamos o ensejo de dar uma orientação racional á questão do povoamento do solo. Isto é, não ha motivo para que não adoptemos o critério de selecção.

Ora o negro americano tem qualidades muito apreciaveis. Tem mesmo grandes virtudes. Porém a face pela qual verdadeiramente se nos impõe é pela da compaixão que nos despertam as injustiças e as hostilidades de que são victimas em sua propria patria.

Este sentimento é louvavel no coração brasileiro. E toda iniciativa nossa que fosse minorar um semelhante estado de cousas teria a unanime consagração dos espiritos bem formados.

Mas seria um crime esquecer que a pratica da caridade tambem tem limites. E que a ninguem assiste o direito de prejudicar a collectividade com os transportes do seu sentimentalismo.

Assim a compaixão que nos merece o negro americano, não justifica o esquecimento de que, entre as varias correntes immigratorias que procuram o Brazil, é a delle a que menos attende aos nossos interesses e a que mais serios entraves poderá offerecer á formação do typo nacional e á sua hegemonia mesmo no sólo brasileiro.

Em breve o projecto dos Srs. Cincinato Braga e Andrade Bezerra deve figurar na ordem do dia da Camara dos Deputados. É preciso que se não repitam a balburdia e a exaltação do debate já feito em torno deste caso. E condemne-se desde logo a chicana dos que, a falta de outro argumento, combatem este projecto dizendo que na legislação ordinaria possui o governo recursos para agir desembaraçadamente no caso.

A prova de que estes recursos não existem ou de que se existem estão expressos em termos pouco categoricos, é que a maioria dos que se alistaram nas hostes adversas ao projecto em questão, argumenta com o tão famoso e tão decantado espirito liberal da nossa Constituição.



## A EGREJA E A ESCRAVIDÃO

### I

Num rapido golpe de vista retrospectivo, procuremos reconstituir a sociedade antiga até o advento do Christianismo. Vejamos sobre que principios assentava essa civilização de que tanta gente ainda hoje falla com desmedido orgulho, comquanto, na generalidade, este orgulho não se funde num conhecimento real da historia antiga. Algumas leituras feitas *a la diable*, em publicações es-

parças, mais ou menos de infimo valor scientifico — é quasi sempre todo o patrimonio de sabedoria com que se apresentam, em nosso tempo, os entusiastas da velha civilização pagã.

Começemos a nossa tarefa pela escravidão que era uma instituição legal, isto é, apoiada pela legislação dos povos, com o consenso unanime das mais brilhantes intelligencias daquelle tempo. O escravo era considerado um ser á parte, sem o menor direito, um animal de cujo trabalho usufruíam tranquillamente os senhores. Sua vida valia tanto quanto a de um animal qualquer, de genero degradado na escala zoologica.

O senhor tinha sobre elle direito de vida e morte. E era commun que para celebrar acontecimentos da sua vida ou para exhibir extravagancias de nababo, os senhores mandassem matar dezenas de escravos de uma só vez, sendo certo ainda que raros eram os senhores que conservavam com vida escravos invalidos.

O commun era mandar matar os.

Catóo, o grande philosopho cuja gloria ainda hoje é celebrada, num grande esforço de humanidade que o elevava muito acima do sentimento dos seus contemporaneos, aconselhava que os escravos velhos em vez de serem mortos deviam ser vendidos como velhas ferragens...

Si porventura um escravo chegava a offender a seu senhor, as leis permittiam ao offendido não sómente vingar-se no escravo offensor mas ainda em todos os que vissem sob o mesmo tecto.

Sómente no povo hebreu encontravam os escravos tratamento menos deshumano. Comquanto tambem relegados ali á dura condição de animal de trabalho para proveito alheio, entretanto eram cuidados com uma certa condescendencia, de que é prova o facto de, em periodos de mais ou menos meio seculo, concederem liberdade a todos os escravos.

Mas é preciso notar que o povo hebreu, do ponto de vista religioso, era o mais avançado do globo. Elle já possuía muito clara, entre outras, a idéa da unidade de Deus, e de muitos pontos da doutrina christã.

Uma outra selvageria que se encontra plenamente identificada com a civilização pagã eram os espectaculos dos gladiadores. Existiam não sómente em Roma como na Grecia, na Hespanha, na Asia e nas provincias gaulezas, grandes amphitheatros em que essa sangrenta diversão se realisava e que consistia na luta de homens com animaes ferozes, ou de homens entre si.

Calcula-se que este sinistro divertimento custava annualmente um



tributo de trinta mil vidas humanas...

E era com o mesmo espirito de selvageria que o paganismo tratava as crianças, cuja vida era propriedade dos paes, e o povo, de que despunham descrecionariamente os governos, para organizar os seus exercitos sempre empenhados em lutas interminaveis.

A absoluta falta de moral determinava os costumes mais licenciosos. Não havia mais familia nem direito e garantia sinão para os ricos. A prostituição era praticada publicamente. Adoravam-se deuses cujos templos eram centros de orgia e libidiniosidade. O trabalho era uma vergonha e um castigo, a instrucção um privilegio de poucos.

Tal era, em resumo, o estado de cousas quando Jesus Christo apparece no mundo e funda a sua Igreja que, embora visando fins puramente espirituaes, não podia entretanto deixar de influir sobre a ordem temporal, modificando os costumes.

Dahi a organização de um corpo de moral sobre o qual, dora em diante, deviam assentar todas as instituições humanas. Reconstituiu-se a sociedade e com ella todos os seus elementos organicos. A familia apparece dignificada, exige-se respeito para a vida humana, para a castidade das donzellas e para o estado matrimonial. Sabe-se então o que é a obediencia paterna, o respeito á velhice e o amor das crianças. Detenhamo-nos sobre algumas das conquistas da Igreja que mais avultam pela sua significação social. Começemos pela escravidão.

É facto positivo que a Igreja extinguiu a escravidão. Ha quem lhe conteste esta victoria allegando que ella não condemnou de um modo expresso esta odiosa instituição, além de que o proprio clero, como todo mundo, possuía escravos.

Não contesto que, a principio, a Igreja se esquivasse de travar uma luta directa contra a escravidão. Mas esta esquivança resultava das proprias circumstancias historicas. A Igreja estava apenas fundada. Restava implantal-a no seio dos povos. O seu maior esforço teria de ser necessariamente empregado no sentido da catechese.

A Igreja estava na sua phase apostolica, phase tremenda porque a filha predilecta de Christo tinha, conjugados contra si, todos os poderes da terra.

O sangue dos martyres corria em borbotões, atulhavam-se de christãos as prisões do Estado, inventavam-se supplicios nos quaes expiravam ás centenas, os filhos da nova fé.

Que pois poderia resultar de uma lei da Igreja condemnando explicitamente a escravidão em um tempo

em que ella mesma, a Igreja, estava ainda sem apoio politico?

Ademais nos seus principios basicos a Igreja se declarava contraria a toda sorte de oppressão. A escravidão era uma face, certamente das mais visiveis, da tyrannia dos homens. Implicitamente, pois, cahia sob a condemnação da Igreja.

Além disto, tendo estabelecido que o escravo era uma creatura humana como nós, possuindo uma alma immortal e com direito a eguaes destinos na Eternidade; isto é, tendo estabelecido a egualdade do escravo ao senhor, do ponto de vista religioso, está claro que ao oppressor dos escravos estendia o seu anathema contra todos os oppressores.

Assim, si o christão possuía escravos sentia-se moralmente no dever de tratá-lo com humanidade. Mais do que isto: com caridade.

Pois se a Igreja o recebia, sem reservas, na sua communhão! Não estendera, porventura, ao escravo, a faculdade de receber o sacramento do matrimonio, todos os sacramentos, em summa? Não lhe dera, na sua assemblea, direitos eguaes aos dos seus senhores? Na recommendação que fiserá de amarmo-nos uns aos outros, estabelecera, por ventura, distincções? E não adiantara mesmo, Nosso Senhor, que no seu reino os ultimos seriam os primeiros, isto é, que o primeiro logar caberia aos mais humildes?

Contra, pois, o sentimento da epocha, Christo estabelecia já uma certa ascendencia preternatural para os escravos. E para patentear os seus direitos naturaes a Igreja exaltava-lhes os sobrenaturaes conferindo as honras de martyr ao escravo que morria pela fé christã, o que tanto exacerbava os escriptores pagãos dessa epocha, como Eunapio, conforme se verifica, entre outras publicações, no «Diccionario de archeologia e liturgia» de Leclercq.

No que importa aos factos positivos da acção da Igreja directamente contra a escravidão, até o seculo VI, quando começa a legislação dos Concilios sobre a materia, observe-se que popularisara (conforme o testemunho de escriptores insuspeitos como Guizot) o costume de celebrar os acontecimentos publicos ou de familia com a libertação de escravos, de entrar em disposições testamentarias clausulas aproveitando aos escravos, de libertação dos captivos pelo producto do seu trabalho em um determinado dia da semana, etc.

Por sua vez as rendas da Igreja eram em grande parte applicadas não só no piedoso mister de libertal-os, como ainda em protegel-os para que depois, acossados pela necessidade, não fossem cair em servidão.

Conhecem-se na Igreja numerosos

casos como o de S. Vicente de Paula que tendo esgotado todos os recursos de que dispunha, vendeu sua propria liberdade para restituir a de um escravo.

Note-se ainda que foi nesse tempo que a Igreja declarou que «separar dois escravos casados era um crime gravissimo». E tambem desse tempo a admoestação de S. João Chrisostomo: «seduzir uma rainha ou uma escrava que tem marido, é um crime igual. Um e outro são adulterio porque o casamento de uma é tão verdadeiro quanto o da outra».

Com o advento do reinado de Constantino, no seculo IV, a Igreja começou a ter uma certa influencia nos negocios publicos. Aproveitou então o ensejo para libertar milhares de captivos.

Vejamos entretanto o Concilio de Reims, em 625, decretando que «um homem livre não deve ser condemnado á escravidão». O Concilio de Chalons, uns vinte annos depois, prohibe a venda dos escravos fóra do reino. Os Concilios de Orleans em 511 e 549 e o de Epone em 517 haviam já instituido o direito de asilo aos escravos.

Data de 580, pelo Concilio de Auxerre, a prohibição do trabalho escravo ao domingo. O concilio de Berghamsted em 697 e o inglez de 691, fizeram egual prohibição sendo que este ultimo chegou a declarar liberto todo escravo que por ordem do senhor trabalhasse neste dia.

Portanto, nos primeiros seculos, uma legislação da Igreja seria absolutamente innocua, porquanto, ella mesma, a Igreja, além de não ter nenhuma função no Estado ainda soffria pertinaz perseguição dos poderes publicos. Com o advento dos primeiros reis christãos não se alicerçou, não se solidificou a sua situação na ordem politica de modo a poder combater directamente uma instituição á qual estavam ligados tantos interesses.

Vejam-se, por exemplo, as amarguras que o proprio rei Constantino, o primeiro dos reis christãos, infringiu á Igreja, e o que na sequencia de outros reinados, da ambição, da cupidez e da heresia dos soberanos ella teve de soffrer.

Não obstante mostrava sempre maior sollicitude pela causa dos escravos e agia com tal proveito que ao chegar a epocha dos concilios, isto é, da legislação sobre a materia, a cifra dos escravos tinha baixado de um modo consideravel.

A este respeito seria interessante conhecer o testemunho de Gioberti, um inimigo declarado do Papado. Escreve na sua obra *Jesuiti moderni*: «Roma fez cair por intermedio dos Papas, os ferros aos escravos». E mais adiante diz que o Catholicismo contem «na sua mais intima essencia



a liberdade, a igualdade honrosa e verdadeira para a espécie humana». «Na epocha da invasão dos barbaros e nos seculos de confusão os seus sacerdotes terminaram essa emancipação á força de perseverança e dedicação.

A idade media viu toda a Igreja entregar-se ao trabalho para arrancar os servos á cruel dependencia em que viviam. Depois da conquista do Novo Mundo, esta mesma Igreja universal, combatida, repellido pelas paixões e pela sede de curo, e mais ainda pela influencia dissolvente do schisma e do erro, que atacavam na sua origem o poder moral e civilizador da Europa, applicou-se a crear nobres e consoladoras instituições em favor dos escravos de além-mar. Nos ultimos seculos, constante e energicamente reclamou o favor dos negros uma liberdade que hoje é geral e completa».

Documenta esta asserção o seguinte trecho da *Historia do Brazil* de Galanti: «Com uma bulla de 7 de Outubro de 1462 o papa Pio II censurou o captivo extranhando de um modo especial que se reduzissem á escravidão os neophytos da Africa. Em 1537 o papa Paulo III fulminou o captivo, mesmo dos pagãos, e mais tarde condemnaram egualmente a escravidão dos negros, Urbano VIII em 1639, Bento XIV em 1741, Pio VII em 1814, Gregorio XVI em 1839».

No Brazil a acção da Igreja não foi diversa em relação aos escravos. Tambem entre nós, por influencia do Catholicismo, generalisou-se o habito de fórrar escravos nos dias de regosio publico ou de familia ou para celebrar acontecimentos dolorosos no lar. Varios sacerdotes fizeram parte do movimento abolicionista e figuram nessa memoravel campanha como eloquente attestado da sollicitude da Igreja pela causa dos humildes, as pastoraes dos bispos da Bahia, Maranhão, Pernambuco, S. Paulo, Marianna e Diamantina.

Joaquim Nabuco, na «carta que escreveu ao Cardeal Secretario de Estado do grande Leão XIII intercedendo pelos escravos do Brazil, dizia: «Não ha mais entre nós festa de religião, nem acontecimento de familia, que não seja assignalado pelo resgate de algum infeliz ser humano.

A manumissão tornou-se para nós a fórmula preferida da caridade publica e privada, a inscripção essencial de todo acontecimento feliz, o tributo de saudade dos mortos queridos, a polidez para com o extrangeiro e o hospede, em uma palavra, o uso nacional por excellencia».

«Sem excepção quasi, os bispos brasileiros declararam em cartas pas-

toraes, notaveis pela sua eloquencia evangelica, que o modo mais digno e mais nobre de celebrar a festa sacerdotal de Leão XIII era para os possuidores darem liberdade aos seus escravos, e para os outros membros da communhão empregarem em carta de alforria os dons que quizessem offerecer ao Santo Padre.

O appello moralmente universal dos nossos prelados não podia deixar de exercer a maior influencia sobre o movimento abolicionista, que já arrastava consigo a opinião e d'ahi seguia-se uma manifestação religiosa e nacional, que pela sua propria grandeza mostra que a abolição no Brazil não é mais uma divergencia entre partidos politicos, mas o proprio criterio da consciencia moral do paiz. Pela manumissão de multidões de escravos em nome do Santo Padre, o seu jubileu ficará sendo a elevação á liberdade de centenas de novas familias brasileiras».

Esta carta de Joaquim Nabuco, de que transcrevemos apenas alguns topicos, era um caloroso appello ao grande chefe do Christandade pelos seus irmãos de cor que no Brazil viviam no opprobrio da escravidão. É sabido como Leão XIII o acolheu e o concurso que prestou a esta causa dirigindo-se directamente á Princeza Imperial a quem distinguuiu com o celebre presente da «Rosa de Ouro», e dirigindo-se aos bispos brasileiros na carta de 5 de Maio de 1888, documento memoravel de que damos a seguir alguns trechos. O Santo Padre começa por uma exposição historica mostrando o concurso unanime dos philosophos, dos legisladores e das religiões do paganismo em favor da escravidão. Discorre sobre a doutrinação dos Apostolos contrariando esses philosophos, esses legisladores e essas religiões, frisando as palavras de S. Paulo: *o servo é liberto do Senhor e o homem livre é servo do Senhor*. E escreve: «Por pouco que se compare um e outro modo de procedimento, o dos pagãos e dos christãos, para com os escravos, vê-se claramente que um era cruel e pernicioso, outro cheio de doçura e de humanidade, e certamente que ninguém ousará negar á Igreja o merito que lhe pertence por ter sido o instrumento de uma tão grande indulgencia. E tanto mais não negaremos á Igreja tal merito, se attentamente se considerar com que doçura e com que prudencia a Igreja extirpou e destruiu o abominavel flagello da escravatura». Refere-se S. S. ao esforço da Igreja em pródos escravos, feito junto aos escravos, aos senhores e aos governos, sustentando a doutrina da *união fraternal dos corações entre os christãos*, qualquer que fosse a sua ori-

gem, estabelecendo que «se o christão não é escravo do peccado, não pode com razão chamar-se escravo» e ainda que: «Todos os que foram regenerados e adoptados por Jesus Christo são completamente irmãos; é desta nova procreação e desta adopção na familia do mesmo Deus que deriva a nossa gloria; é da verdade e não da nobreza de sangue que provém a nossa dignidade». Allude Leão XIII á acção dos Papas dizendo: «Grandes cousas foram feitas em favor dos escravos pelos Pontifices romanos, os quaes foram verdadeiramente os defensores dos fracos e os vingadores dos opprimidos. S. Gregorio o Grande deu liberdade ao maior numero de escravos que lhe foi possivel, e no Concilio romano de 597 quiz que fosse dada a liberdade aos que quizessem seguir a vida monastica. Adriano I ensinou que os escravos podiam livremente contrahir matrimonio, ainda mesmo contra a vontade dos seus senhores. Em 1167, foi energicamente intimado por Alexandre III o rei mouro de Valença a que não tornasse escravo nenhum christão, porque ninguém é escravo por natureza e Deus a todos creou livres. Em 1198, Innocencio III approvou e confirmou, a pedido dos fundadores João de Matha e Philippe de Valois, a *Ordem da Santissima Trindade para redempção dos christãos*, que haviam cahido em poder dos turcos.

Uma Ordem semelhante, a de Nossa Senhora das Mercês foi approvada por Honorio III e depois por Gregorio IX, Ordem que S. Pedro Nolasco havia fundado com esta lei severa: que os seus religiosos se entregassem á escravidão, em logar dos christãos captivos, se tanto fosse necessario para os libertar».

E lembra ainda o Santo Padre a acção de Gregorio IX prohibindo a venda de escravos á Igreja, a acção da Igreja sobre o poder civil moderando os rigores da legislação para os escravos. Recorda a sollicitude da Igreja, pelo fim do seculo XV, quando se deu á descoberta de novas regiões na Africa, na Asia e na America, ao saber que os exploradores destas terras reviviam as abominaveis praticas da escravidão.

Foi quando começou o trafego dos negros importados da Ethiopia. E assignala a carta de Leão XIII o indignado protesto de Pio II, de Leão X, de Paulo III, de Urbano VIII, Bento XIV e Gregorio XVI.

Termina sua carta, o soberano Pontifice, exhortando os bispos brasileiros com o exemplo de Pedro Claver a quem a Igreja decretara as honras do altar pela «admiravel constancia com que totalmente se consagrou, durante 40 annos con-



secutivos, ao ministerio daquellas desgraçadas multidões de escravos negros».

A forma de escravidão que surgiu no século XV differia da que se fizesse antigamente. Esta, como se sabe, exercia-se sobre os povos vencidos sem consideração pela sua origem. Era feita mesma entre os filhos de uma mesma raça.

A que surgiu depois, a escravidão negra, de que aliás todo o mundo participou, era constituída pelos pretos da Africa violentamente apressados na sua terra, ou, como mais communmente acontecia, por transação feita com tribus africanas que dominavam outras tribus.

Viviam portanto, estes pretos, em sua terra, vida selvagem, de lutas constantes e dessas lutas os vencidos eram reduzidos em sua terra mesma a uma escravidão que tinha todos os requintes de ferocidade.

Trazidos para a Europa e para a America, isto não tornava maior o seu soffrimento. E se lamentavamos que aqui e no Velho Mundo fossem reduzidos a escravidão, era isto porque os nossos principios christãos, que já nos haviam acostumado ao sentimento da fraternidade humana, sentiam-se molestados.

Dahi porque coube tambem ao Chefe da Egreja empreender a lucta contra a nova phase da escravidão. Vemos assim o trafego dos negros receber da Egreja o primeiro protesto em 1462. E de Pio II, que era o Papa que então governava a Egreja, a Leão XIII, todos os Pontifices se mostraram solidarios com este protesto, sendo que Pio VII trabalhou no sentido de conseguir a exterminação da escravatura por uma acção conjuncta de todos os chefes de Estado da Europa. Leão XIII levou a tal ponto a sua sollicitude pela causa dos negros que, com o Cardeal Lavigerie fundou uma sociedade para a libertação dos escravos.

Não se póde negar o concurso que a esta causa prestou a *Revolução Franceza*. O que não é licito é permittir o exaggero dos que supõem que ella tivesse desempenhado uma acção decisiva na questão da escravatura pelo facto de ter libertado alguns milhares de negros nas colonias francezas.

É certo que os philosophos da Revolução declamaram muito em torno deste thema. Mas é preciso lembrar que Voltaire, o seu patrono, e um dos mais eloquentes malsinadores theoricos da escravidão, possuía navios negreiros para o trafico dos pretos africanos.

É preciso acrescentar tambem que ainda muito tempo depois da Revolução a escravidão existia em varios paizes, dando causa a lutas sangrentas, o que pôz mais uma vez em

evidencia que muito mais sabia era a acção da Egreja resolvendo pelo amor, este infame legado do paganhismo — a escravatura — do que os philosophos que appellaram para a violencia e a revolução.

Perillo Gomes.



## CAPITULO DE UM ENSAIO SOBRE A OBRA DE AFRANIO PEIXOTO

Nos scepticos de caracter scientifico facto notavel é que elles adoram as proprias idéas...

Dahi a fé que teem, quase todos, na sciencia, circulo em que taes idéas foram creadas, algumas vezes, do nada... Renan chegou a dar-se como creador do proprio Deus e prometeu, a quantos embevecidos o ouviam, a resurreição de todas as cousas mortas, ao fim de tudo...

Prometteu mais, como se vê, do que prometteram Jesus Christo e a sua Egreja, e muito sceptico houve que, sentadinho na sua cadeira, descrente da palavra de quem morreu na Cruz, sentiu coegas de idealismo, ante aquellas sorridentes e modestas explorações do suave voltairsinho moderno.

Por isto mesmo, porém, que taes homens crêem nas proprias idéas e precisam objectival-as, e ellas são a Revolução, nos apparecem, quase sempre, por mais brando que delles seja o temperamento, com instinctos de destruição, insopitaveis. Só as suas idéas devem ficar de pé. Do meio ambiente, o que as repelle, o que as contraria, tem que cahir, tem que ser destruido e, pelo menos, soffre, tem que soffrer ataques, já não digo só injustos, alguns absurdos.

Afranio Peixoto, em relação á sua patria, realisa, aparentemente, este typo. Vemol-o, mais de uma vez, como porta bandeira das causas mais injustas contra a nacionalidade a que pertence. E então as contradicções parecem se accumular vertiginosamente em sua obra, e em todos os dominios della, porque até o romance tem sido para Afranio, algumas vezes, como que o campo de demonstração de alguns dos seus lastimaveis preconceitos scientificos.

Do seu volume POEIRA DA ESTRADA, collecção de discursos, artigos, conferencias, onde o seu espirito dá mil testemunhos de si mesmo, mostrando-se tão apto a um minucioso exame de elegantes velharias de Rodrigues Lobo, como ao arbitrio de uma comparação entre assy-

PEDIMOS A TODOS QUANTOS RECEBEREM ESTE PRIMEIRO NUMERO D'A ORDEM, QUE O DEVOLVAM NO CASO DE NAO LHEES CONVIR AJUDAR-NOS COM UMA ASSIGNATURA.

rios e allemães, hellenos e francezes, prefiro attentar no que ali se contem de relativo ao caracter nacional ou nas ideas que dá como dignas de serem aproveitadas no esforço educativo da nacionalidade.

Todavia como taes ideas as desenvolveu de modo mais completo no seu livrinho MINHA TERRA, MINHA GENTE, livrinho a que dá a honra de chamar do melhor de seus livros, dellas tratarei em conjuncto, fazendo sómente, por enquanto, ressaltar o que taes ideas, já na POEIRA DA ESTRADA, representam de «derrotismo» nacional.

Foi notavel que Afranio Peixoto, que ousou declarar, não sei se por ironia, ter sido a sua primeira ambição consciente a de ser academico, mesmo no seu discurso de recepção na Academia Brasileira, revelou o gosto amargo de contrariar a tradição e a boa paz de espirito daquella casa, ainda que, ás vezes, com bom gosto muito vivo.

A parte de seu discurso que se refere a Euclides da Cunha não é o elogio costumeiro de taes occasiões; é antes uma elegante vingança do bom senso litterario e até, algumas vezes, do scepticismo litterario contra aquella energica expressão da nossa perenne exaltação lyrica em face da natureza e da vida. Mas como provar que uma tal exaltação significa ausencia de realidades moraes e intellectuaes capazes de nos guiar nos dominios praticos da existencia? Impossivel! Acima de todas as theorias está o facto historico, está o facto soberbo de nossa evolução social sobre as terras da America, e até podemos affirmar, sem temor, que nenhum povo já conseguiu firmar-se mais duradouramente que o nosso, entre tantos impecilhos, na rocha de um sentimento tão claro e tão puro de nacionalidade. E é certo que jámais desabrochou tal sentimento entre populações que se não tenham prendido á terra pelo trabalho e della recebido as bençãos da producção recompensadora. O contrario do que diz Afranio é justamente o que se pode verificar na historia do Brazil: nós temos tudo feito sem exaggero, nós jámais substituímos, como diz elle, a vehemencia pela convicção (1). A nossa exaltação dá-se, pelo contrario, re-



pito, no sentido todo subjectivo de que, a todo momento, nos surpreendemos ante a dor e a incerteza. Somos assim um povo endolorido ante o ephemero de que se compõe cada hora presente mas, não fundo da nossa inquietação, a corrente da fé em nosso futuro jámais deixou de mover-se ampla, forte, indomável, e a poesia que della, de vez em quando, sobe e nos exalta também, esta é de um brilho tão sereno, tão formoso, que nunca encontrou forma digna da sua objectivação, a que pretendesse agarrar-se a critica demolidora. Ella é vaga, sem que seja menor o seu brilho, formosa sem fragilidade, é assim como o céu mesmo que se desdobra sobre os nossos campos e as nossas cidades, grande céu, alto céu em que as tempestades são pouco duradouras.

A convicção do que somos, do que valemos, temol-a, não resta duvida. O que nos falta são convicções... isto é, o que nos falta é o amor da luta, a capacidade de tomarmos um partido, de adoptarmos um programma no vasto quadro das nossas possibilidades.

O Brazil ainda não teve o seu grande poeta, o seu heroe, como diria Carlyle, da vida sentimental, mas já é esta poesia real da nossa vida quem salvaguarda Euclides da Cunha da enfermidade romantica, e dá á poesia da sua prosa aquella forte impressão de verdade, que embalde Afranio procurará ironisar, ao lado do Sr. Dr. John Brauner, conspicio professor de uma Universidade da California.

A historia, tal como a entendia, ou melhor, tal como a fazia Euclides da Cunha, nem por inflammarse de soffrimento, como no caso dos *Sertões* e, por isto mesmo, apresentar-se vibrante de dolorosa poesia, não será jámais historia menos digna do melhor senso critico. Este só nos diz que o verdadeiro historiador é sempre um poeta, isto é, um ser altamente dotado de intuição, capaz de ver perfeitamente a trama finissima, invisivel a olhos vulgares, que liga todos os factos, vê-la e sentil-a com maxima intensidade na sua mysteriosa vibração de todos os fios em que se debate a humanidade. Não foram mediocres como poetas os historiadores hellenicos, e até, do que nos diz Chamberlain, podemos inferir que a maior virtude de taes historiadores foi, do ponto de vista nacional, a poesia que derramavam sobre as glorias e as desgraças da patria. E ainda nós ganhamos e todos os povos ganharam com isto por que não deixaram elles frios catalogos de datas e factos em que, a verdade é esta, nem assim poderiam ter sido justos e imparciaes.

Materialista ou o que quer que se pareça com isto, por vicio de edu-

cação e não por temperamento, foi Euclides, no entanto, um mystico de mysticismo nacional, como já fez notar Nestor Victor, em pagina brilhante sobre nossa historia litteraria. Aquellas apparentes complicações de seu estylo, que Afranio chamou de «turgido e vehemente», reduzem-se a simplicidade de alma, de uma alma que reflectia ingenuamente as forças primitivas da rude sociedade que descrevia.

Mais ainda, e eis a caracteristica do mystico que elle foi: vendo-a, Euclides, esta sociedade barbara, a revolver-se, furiosa ou resignada, entre as paredes de ferro de um meio em que a propria civilisação, ás vezes, como que perde o animo, ante a força de tudo quanto se lhe impõe domine, ordene e utilize; vendo-a, digo, elle casou a sua alma á alma daquella gente, como que fez do seu espirito o espirito daquella luta. E não lhe preocupou o dar, claro e definitivo, um juizo, um julgamento de ordem moral, sobre a tragedia... Deixou ao futuro este papel de Maudsley da nacionalidade... Elle fôra unicamente como um pintor: apresentara um quadro. Sómente o seu sangue fôra uma das tintas de que se servira, e se lhe via também a figura, ao mesmo tempo irritada e triste, nos dois planos daquelle vasto scenario em que, bipartida a nação, entre si se despedaçavam os seus filhos.

Disse Afranio também de Euclides da Cunha que era incapaz da ternura e da piedade. «*Não ha uma só das suas paginas em que a gente sinta os olhos se molharem de suave quentura comovida. Não escreveu de um regato, de um crepusculo, canto de passaro ou capricho de mulher. Jactou-se mesmo, uma vez, de não haver em todos os seus livros, uma só destas criaturas. Talvez venha daí a admirável coerencia de sua obra; certamente, por isso lhe falta aquelle melancólico e doloroso desencantamento, que só ellas conseguem dar a todas as aspirações e esforços humanos*» (1).

Lembra-me agora que sentida poesia poudesse suggerir Euclides da Cunha ao desenhá-la, com dois traços, um frangalho de gente, uma pobre velha, em fim de raça, esquecido num ponto longinquo de fronteira. Quem não sentirá também oppresso o coração, ao peso de avivada piedade, ante aquella scena amazonica, que nos descreve, e em que, tristissimos, espectraes, sob formas humanas de grosseiros espantalhos, num remanso das aguas, se encontram e travam mudos dialogos todos os infortunios, as desillusões e as saudades dos nossos heroicos

e ignorados conquistadores do Inferno Verde?

Como negar que foi a piedade que emprestou ao coração do artista a tinta poderosa com que evocou aquelle grande e generoso sacrificio?

Como também não se sentir comovido, não ter piedade ante a soberana evocação?

Nada disto quiz ver Afranio Peixoto que até ainda parece condemnar quando, falando dos *SERTÕES*, nos diz que este «não é livro de historia, estratégica ou geografia, é apenas o livro que conta o *efeito dos sertões* sobre a alma de Euclides da Cunha» (1).

E onde estará o artista que, descrevendo, não descreva sómente o *efeito* disto ou daquillo sobre a sua alma? Para um sensualista, um sceptico, como Afranio cem vezes tenta ser, nem mesmo o puro homem de sciencia fugirá a esta regra. Não sei mesmo como se deslembrou Afranio daquelle em proprio fino traço de espirito: «*limite os espiritos positivos: imagino...*» (2).

Desta faculdade, entretanto, muito pouco usou para com Euclides da Cunha, num sentido optimista. Viu-o, analysou-o traço a traço e por isto cançou onde outros renovaram o entusiasmo.

Jámais imaginou o amplo quadro sentimental em que se movia, soffredoramente, aquella grande alma e, assim, não conseguiu apprehender que, na obra de Euclides da Cunha, não ha sómente o *efeito* do seu assombramento ante a patria immensa — ha também desta patria, da sua vida intima, da sua força latente, tão poderosa que é triste, uma bravia representação, caracteristicamente mystica, porque toma, aos olhos de todos nós, contemporaneos e menos scepticos, o vulto de uma formidavel onda espiritual, que nos leva para o desconhecido — esmagando com o peso da justiça os preconceitos com que temos deprimido e combatido o nosso homem do sertão, o endurecido mestiço, verdadeiro guarda do caracter brasileiro.

O mysticismo nacional nasceu no seio desta grande onda de amor nobilitante que Afranio Peixoto jámais aprofundou. E d'ahi os seus mais graves erros como sociologo e educador, erros a que, felizmente, soube elle proprio oppor admiraveis verdades.

Falemos de taes erros e apontemos as verdades.

Jackson de Figueiredo.

1 — Obr. cit., 35

1 — Obr. cit., 31  
2 — Obr. cit., 8



## ESPIRITISMO E SCIENCIA

## I

O espiritismo, do mesmo modo que muitas doutrinas philosophicas e religiosas, não reconhecendo, nem respeitando a auctoridade da Igreja, não podendo modificar seus dogmas e sua moral, irritado pelo seu poder grandioso de conservar a unidade, apesar dos ataques soffridos atravez dos seculos, procura seduzir os homens, mimetisando-se com o nome de Sciencia.

Como o diz, e aliás muito bem, Boutroux, no seu recente trabalho — *L'ideal scientifique des mathématiciens* —: «não se deve confundir sciencia já feita com sciencia em formação, ou melhor, conhecimento scientifico com hypothese scientifica».

A maioria dos sabios e philosophos só considera como verdadeiramente scientificos, os factos exactos, positivos, que depois de observados podem ser verificados pelo methodo experimental.

Ao lado da verdadeira sciencia nós temos as hypotheses scientificas, isto é, conhecimentos baseados em fortes probabilidades, em analogias serias, que levam a resultados mais ou menos exactos.

Diz Claude Bernard: «a hypothese é o ponto de partida necessario de todo o raciocinio experimental... toda verdade scientifica é, debaixo da sua primeira fórma, uma hypothese que não tem valor senão depois de verificada... toda a sciencia de factos se compõe primeiramente de hypotheses, que se tornam leis mais ou menos certas, segundo o grão de sua confirmação experimental».

Estabelecida a distincção acima feita, vejamos agora qual o fim, o objectivo da verdadeira sciencia.

Segundo Berthelot: «a sciencia positiva não procura as causas primeiras, nem o fim das cousas; estabelece factos e liga-os por immediatas relações; o espirito humano constata os factos pela observação e experiencia, compara-os e deduz relações». «A sciencia experimental, diz por sua vez Luiz Pasteur, é essencialmente positivista, no sentido de que, nas suas concepções, jámais faz intervir a consideração da essencia das cousas, da origem do mundo e de seus destinos». (cit. por Sanderens).

Determinados pois, os caracteres essenciaes da verdadeira sciencia, estabelecidos os seus principios, conhecido o seu objectivo, verifiquemos as pretensões da perniciosa doutrina espirita:

«O Espiritismo é a sciencia das

## UM POETA CATHOLICO

## DURVAL DE MORAES

O poeta que assigna os versos que hoje publicamos, não é um nome desconhecido do meio intellectual brasileiro. Deixou na Bahia traços duradouros de uma grande actividade litteraria e aqui mesmo, no Rio, o seu livro de estréa, «Sombra Fecunda», foi commentado largamente.

Cremos que somos, entretanto, os reveladores da nova feição espiritual da sua poesia, Durval de Moraes parecia ter de todo abandonado a vida das lettras — tão largo foi o seu silencio, após a publicação de seu primeiro livro. Forçado a ir trabalhar nos sertões de S. Paulo, a sua estadia lá, por aquellas paragens, era, para quantos o amavam, e nem delle tinham noticia, a prova de que o poeta morrera no homem, que, honradamente, ganhava o pão de cada dia. Puro engano. O poeta crescia, se fazia mais vivo, sómente mais interior, mais recatado, ao contacto de novos soffrimentos. A mesquinha luta quotidiana, a saudade de tudo quanto fizera a paisagem da sua inquieta esthesia, antes lhe aguçavam a sensibilidade,

e preparavam o seu coração para as graças da fé. Eil-o que resurge — é bem o termo — não mais o cantor pantheista, que foi na sua adolescencia, mas provado em mais nobres amarguras do espirito, victorioso ante a propria Natureza, ou melhor, dominando-a, penetrando-a suavemente, como poeta christão, como aquelle que sabe que só na alma immortal reside a verdadeira beleza!

Durval de Moraes, entre os poetas catholicos do Brazil contemporaneo — em cujo numero brilham nomes como os de Affonso Celso, José Albano e tantos outros — ha de ter logo que se revele na plenitude da sua obra, que sabemos grande e trabalhada com muito carinho, ha de ter, dizemos, um lugar dos mais honrosos.

Nenhum sabe mais do que elle, ao amor da natureza, sobrepor uma tão grande força de espiritualisação da mesma natureza — que, nos seus versos, como que nos apparece christianisada tambem. Aqui deixamos alguns exemplos da sua poesia:

## EUCHARISTIA

## I

No mystico vergel, anjos, com fouces de ouro  
E azas brancas de luar, segam vivas espigas.  
Brilha do sol do Amor o lucido thesouro,  
E nos campos do céu vibram santas cantigas.

Deus preside á colheita e o trigo, alvas estrigas,  
Dos abysmos do cáos lança no sorvedouro.  
Jesus amassa o pão sobre rosas e urtigas,  
E Maria, a sorrir, o cose branco e louro.

«Eis meu corpo, comei!» Alleluias, hossanas,  
Cantos á Redempção, hymnos á Liberdade  
Chovem dos altos céus sobre as mansões humanas.

Hostia — asylo do sonho, espiritual abrigo,  
Unes o nada ao tudo, a morte á eternidade —  
Coração de Jesus transfigurado em trigo!

## II

Incorporea visão de espirito celeste  
Leva meu coração aos pés do Deus-Humano,  
Tão grande e pequenino, humilde e soberano,  
Que de carne finita a Alma Infinita veste.



Meu amigo, Jesus; meu senhor, concedeste  
Dos homens ao mais iníquo, ao mais frio vesano,  
A graça de chorar, que, ao patricio romano,  
Com a esmola de soffrer, entre as purpuras, deste.

No silencio da noite escuto os pés das horas,  
Harmoniosos, subtis, ou bronzcos!... E eu, sosinho,  
Esperando contrito as benções das auroras.

Mas, dentro do silencio imperviamente rude,  
As tuas mãos de Deus dão-me a beber teu vinho:  
E do deserto canta a infinda solidude!

### ORAÇÃO

Ouve, meu Pae, a voz do mais vil dos teus filhos:  
Em paga da blasphemia e do immundo peccado,  
Doaste o lar e o pão ao corpo degradado,  
Cumulaste de bens a ingrata alma sem brilhos!

Mas, Senhor, no jardim, por meu pranto orvalhado,  
Entre as urzes da dor, tenho quatro junquinhos...  
Para o teu coração ensina-lhes os trilhos,  
Fazendo-os crer a ti, e em ti, meu Bem-amado!

Não permittas, jamáis, que estas flores felizes,  
Pela terra do vicio enterrem as raizes,  
Nem que as leve na garra o tufão traíçoeiro.

Preserva-as do contacto asqueroso das lesmas,  
Por que vivam de ti, contentes dellas mesmas,  
Sem saberem do mal que mata o jardineiro.

### A PRIMEIRA AGONIA

Dezembro. Ao pôr do sol. Na porta da cabana,  
Maria, a Virgem-Mãe, sustinha venturosa  
Entre os braços, cantando, a Gloria Soberana  
De Deus, que se humilhara em carne dolorosa.

Preso ao lírio do seio a boquinha de rosa,  
De onde um fio de leite, entre os sorrisos, mana,  
Jesus cumpre a missão misericordiosa  
De remir pelo Amôr a desventura humana.

José contempla os dois em dulcida alegria.  
Vivo, fugindo ao collo esbelto de Maria,  
Borboleta a voar envolvida na luz,

O Menino Jesus tenta os primeiros passos...  
E a Virgem, triste, nota, estendendo-lhe os braços,  
Na sombra do seu filho a imagem de uma Cruz!

*Durval de Moraes.*

sciencias; elle as unifica n'uma synthese admiravel.

«O Espiritismo é sciencia profunda, vasta, ecclética, cujo estudo fornece conhecimentos, não só sobre o homem espirital, mas também sobre o homem corporeo, e ensinamentos de ordem moral e de ordem intellectual.

«Elle nos faz conhecer melhor o mecanismo das funcções, não só das psychicas ou mentaes, mas também das organicas ou vitaes; e as relações da alma com o corpo, cujas perturbações são causas predisponentes e até determinantes de estados morbosos.

«O Espiritismo tem por fim: esclarecer-nos sobre o outro mundo, sobre a vida de além-tumulo, provar a existencia da alma, sua pre-existencia e sobrevivencia ao corpo, satisfazendo assim uma necessidade inilludível da nossa alma, a aspiração incessante de nosso eu».

(Espiritismo racional e scientifico — ed. C. Esp. Redemptor).

Em que se baseiam as affirmações acima?

Unicamente nas communicações dos espiritos.

Estes espiritos podem ser determinados pelo methodo experimental?

Não: 1.º porque o methodo experimental só se emprega nas sciencias positivas; 2.º porque mesmo tentando-se a applicação deste methodo taes phenomenos não obedecem ao determinismo, isto é, á realização fatal do phenomeno. 3.º porque os phenomenos espiritas, muitas vezes, só se manifestam por intermedio de «medium», contrariamente ao que se dá na verdadeira sciencia em que o phenomeno é observado por varias pessoas.

Vemos pois, que o espiritismo não pôde ser considerado como sciencia, não sómente porque não obedece ao methodo da experimentação, mas também porque o seu fim, o seu objectivo principal, é a explicação das causas primeiras e dos fins ultimos, contrariamente ao fim da verdadeira sciencia que é a constatação e a verificação dos factos na ordem natural.

Nem ao menos o espiritismo pôde ser considerado como hypothese scientifica, pois não se baseia em axiomas impostulados.

E porque vive esta pobre gente a enganar-se e a enganar?

*Dr. Hamilton Nogueira.*

●●●●●

*Das ruinas religiosas ás ruinas sociais é rapida a transição.*

Leão XIII.



## PALAVRAS QUE DEVEM SER MEDITADAS

Somos a maioria absoluta da nação. Direitos inconcussos nos assistem com relação à sociedade civil e política, de que somos a maioria. Defendê-los, reclamá-los, fazê-los acatados, é dever inalienável.

E nós não o temos cumprido.

Na verdade, os catholicos, somos a maioria do Brasil e, no entanto, catholicos não são os principios e os órgãos da nossa vida politica. Não é catholica a lei que nos rege. Da nossa fé prescindem os depositarios da autoridade.

Leigas são as nossas escolas, leigo o ensino. Na força armada da Republica, não se cuida de Religião. Emfim, na engrenagem do Brasil official não vemos uma só manifestação de vida catholica.

O mesmo se pôde dizer de todos os ramos da vida publica.

Anticatholicos ou indifferentes são as obras da nossa literatura.

Vivem a achincalhar-nos os jornaes que assignamos.

Foge de toda a acção da Igreja a industria, onde no meio de suas fabricas innumeras a Religião deveria exercer a sua missão moralisadora.

O commercio de que nos prove-mos parece timbrar em fazer conhecido que não respeita as leis sagradas do descanso festivo.

Habitos novos, irrazoaveis e até ridiculos, vai introduzindo no povo o SNOBISMO cosmopolita.

Carnavaes transferidos para tempos de orações de Penitencia, danças exoticas e tudo o mais que o morphinismo inventou para distracção de raças envelhecidas na saturação do prazer.

Que MAIORIA CATHOLICA é essa, tão insensivel, quando leis, governos, literatura, escolas, imprensa, industria, commercio e todas as demais funcções da vida nacional se revelam contrarias ou alheias aos principios e praticas do catholicismo?

É evidente, pois, que, apesar de sermos a maioria absoluta do Brasil, COMO NAÇÃO, NÃO TEMOS E NÃO VIVEMOS VIDA CATHOLICA. Quer dizer: — somos uma maioria que não cumpre os seus deveres sociaes.

Obliterados em nossa consciencia os deveres religiosos e sociaes, chegamos ao absurdo maximo de formarmos UMA GRANDE FORÇA NACIONAL, MAS UMA FORÇA QUE NÃO ACTUA E NÃO INFLUE, UMA FORÇA INERTE. SOMOS, POIS UMA MAIORIA INEFFICIENTE.

Eis o grande mal. Grande mal, não ha duvida, porque importa no

menosprezo inadmissivel dos nossos deveres para com Deus, a sociedade e a patria, deveres religiosos e sociaes.

D. SEBASTIAO LEME.

(Trecho da sua 1ª CARTA PASTORAL á Archidiocese de Olinda, 1916).



## BIBLIOGRAPHIA

Da continencia e seu Factor eugenico — Dr. Mario Alcantara de Vilhena — «Anuario do Brasil», Rio, 1921.

Alcança agóra segunda edição e está com formato pequeno, com ares de livro popular a these do Dr. Mario de Alcantara Vilhena, laureado pela Faculdade de Medicina desta Capital com o premio Miguel Pereira. Optimo symptoma, facto consolador este para quem reputa cousa séria o futuro moral e physico da raça, e mais seria ainda as crenças religiosas, o dogma catholico e com as crenças e o dogma o decalogo: uma cousa não vae sem a outra. Para nós não ha o «pecca fortiter» de Luthero com o seu «crede firmiter»; mas ambas as cousas, inseparavelmente fazem a nossa feição religiosa.

Pois, deu para segunda edição? Deu para formato popular uma these medica tão rebarbativa em seus conselhos praticos na sua applicação?

Deus meu! É que as cousas melhoram e não ha tão grande razão para previsões pessimistas. Melhoramos. Sim, melhoramos.

Apezar da seminudez da avenida, apesar do apimentado das peças theatraes, apesar da incontinenencia de linguagem... e de assumptos da imprensa diaria, melhoramos, não ha duvida. Serão o tenis e o foot-ball os factores da regeneração de nossa juventude; não, não são propriamente factores, são manifestação do movimento rector, de ascensão e reerguimento contra o vicio e a pieguice dos enervados e viciosos dos bars dos clubs e dos cabarets.

A divulgação de uma these medica que prega a continencia em um ambiente de depravação como o que reina em nossa grande urbe, a sua aceitação pelo publico, onde as prateleiras das livrarias vivem pejudadas de más leituras e as portas dos engraxates, as bodegas de jornaes de modas e revistas tem pouco veladas brochuras e estampas que convidam á devassidão, é realmente um facto consolador...

## AOS NOSSOS LEITORES

A exemplo de algumas revistas catholicas de França, taes como *La revue des jeunes*, *L'Idéal*, *A Ordem* aceitará todo e qualquer expositivo donativo que vise a sua manutenção e mais larga divulgação em todo o Brazil. Somos um grupo de catholicos a sustental-a e nella os ideaes da Igreja em nossa patria. Quem ame sinceramente estes ideaes certo não se arrependerá concorrendo para assegurar o futuro desta revista.



Haverá signaes de resipiscencia pela nossa mocidade? Ella já não tem pejo de apresentar-se numerosa á mesa da communhão e em formatura nas procissões, não foge das egrejas nem das conferencias religiosas.

O signal e este bem significativo e o apparecimento desta edição da these do Dr. Alcantara Vilhena, com os parabens que dirigimos ao autor, desejamos ao livro estrondoso successo.

O assumpto é dos mais momentosos, e daquelles que com exactidão se podem dizer — de vida e de morte, — não já para o individuo, tem razão o illustre autor em affirmar-o e reaffirmar-o —, mas para a geração actual e para as gerações futuras.

A syphilis, mais talvez que a ankylostomiase, mais que o impaludismo, devasta as populações em seu verdor e imprime-lhes a tara de mil defeitos que se vão transmittindo, como aguas de fonte envenenada, pelas gerações avante, defeitos visiveis e invisiveis, somaticos, psychicos e moraes...

Fez bem o autor da these, fez bem o editor ou quem tomou a si a caridosa tarefa de reimprimir e diffundir o livro.

Elle fará mais effeito que uma bella predica sobre moral religiosa, e moral religiosa é em ultima analyse o que elle nos ensina, do melhor modo, tangivel, visivel, sensivelmente, com ferro em braza, medicação ultima do velho Hippocrates.

A época é disso. Crer no que se vê, receber demonstrações a posteriori, empregar os methodos experimentaes em tudo, absolutamente em tudo, mesmo naquillo que parece escapar e escapa á experiencia. Aqui mesmo a experiencia leva-nos ás cousas superiores, ás verdades transcendentes.

Que querem? Queixem-se lá do séstro do tempo; elle é assim.



As razões physicas e physiologicas primam sobre todas as outras. Pois não viram na discussão actual ou de actualidade sobre casamento entre fiéis e sobrinhos? Vieram os medicos, não os juristas, veio a physiologia, não a theologia, vieram todas as experiencias e os factos, as degenerencias, as taras, as psychoses, veio tudo, menos o elemento moral, a familiaridade pernicioso e perigosa, o *respectus parentellae*, as considerações de ordem superior, espirital.

O utilitarismo reina despotico, já o disse mais de uma vez quem escreve estas linhas; o utilitarismo pontifica, doutrina, governa, rege todas as relações: a ordem moral, as considerações de ordem religiosa, os intuitos superiores visando uma existencia ultraterrena desaparecem relegados para a região do mysticismo e das relações intimas da alma com Deus na oração e nas praticas de devoção.

E quando a observancia do decalogo não leva immediatamente a resultados praticos, quando a violação de seus preceitos não anda a entestar com o Codigo Penal, o decalogo é posto de lado ou olhado como regra para fanaticos e beatas.

Mas as infracções ao sexto mandamento nem sempre são punidas na vida em que muitos não acreditam: os hospitaes e manicomios ahi estão para attestar que a lei de Deus é cousa muito seria, e as taras e os defeitos dos filhos e os aleijões feios em creanças bonitas são o remorso vivo de paes dissolutos.

O livrinho (hoje póde assim chamar-se tal o seu pequeno e elegante formato), o livrinho do *Dr. Alcantara de Vilhena* vem fazer um grande serviço, despertando a attenção de paes descuidados e prevenindo filhos e filhas na juventude contra os perigos das más companhias, dos máus lugares, de tudo o que pode fanar a bella flor da pudicia, fresca e viçosa nos annos juvenis.

É uma lição sobretudo de moral christã. A sua leitura evoca o mais profundo dos dogmas christãos, o do sacrificio e da abnegação; as incontinenças sexuaes, as investidas contra o pudor, a devassidão, os adulterios, as chamadas *conquistas* de moças recatadas e honestas, nada mais são que efflorescencias do egoismo desse espirito de feroz egoismo que produz em theoria os Nietzsche e os Max Stirner e na pratica os D. Juans e os Faublas.

O espirito christão produz a castidade das virgens e a continencia dos jovens, mas antes havia produzido o espirito de mortificação e de sacrificio, que outra cousa não é a raiz da bella virtude cujas flores desabrocham na pureza dos costumes e no recato.

Paginas brilhantes tem o autor de *«Autorität und Freiheit»*, o celebre W. Förster, na obra que tenho traduzida em lingua ingleza sob o titulo de *«Marriage and the Sex-Problem»*. Ahi, encarado do ponto de vista altissimo em que o colloca o sabio professor da Universidade de Zurich, o problema sexual prende-se com a injuncção de desprendimento e abnegação que nos impõe a fé catholica: o capitulo de seu livro que se intitula «de como é indispensavel o ideal ascetico» (*the indispensability of the ascetic ideal*) contem trechos como este que com permissão do leitor vamos transcrever:

«Na esphera do que diz respeito ao sexo é rapida a desintegração que se opera no caracter. Relaxação crescente da vontade se faz sentir nesta e em outras direcções. O desrespeito ao que nos é ordenado neste particular leva-nos a tentar o espirito de licença em todos os outros departamentos da vida moral e social. É assombrosa a rapidez com que as convicções moraes fallecem hoje em dia no espirito da maioria da massa popular. Não aconteceria isso se os mais profundos alicerces de taes convicções não se achassem, ha muito tempo minados...

«A construcção verdadeira do ideal da moralidade e o principal estímulo para elle é a confirmação da vida espirital na sua mais perfeita e heroica forma...

«Não pode haver mais soberbo espectáculo que o de um homem que persegue com mais affinco as cousas espirituaes enquanto perseguem outros o dinheiro, a forma e os prazeres da carne.

O *sustine* e o *abstine* dos stoicos, virtuosos por amor da virtude, por capricho, por orgulho humano, cedem diante dos preceitos da philosophia christã norteadas pelo amor do proximo e pela conformidade com a vontade do Omnipotente.

A ordem moral exige, ao contrario da ordem natural, o sacrificio de nós mesmos pelo bem dos outros; é pelo bem da mocidade patria e pelo futuro das gerações que se vem succedendo, que pugna com a autoridade da sciencia e a firme convicção do crente, o digno autor do livro cuja noticia apagada e muito abaixo de seu merecimento aqui tentamos dar.

Oxalá que a mocidade bem intencionada de nossa terra, os paes de familia, e todos os que se interessam

pelo bem estar, pela prosperidade e grandeza desta Patria, e mais que tudo o clero, os pastores de almas recommendem, propaguem e difundam entre as pessoas a quem a leitura aproveita o bello, interessantissimo e edificante livro do *Dr. Mario Alcantara de Vilhena*, ao qual asseguramos exito dos mais felizes e compensadores moral e materialmente falando.

Não podia o autor prestar melhor serviço ás nossas crenças e aos nossos costumes, e aqui ficam os meus agradecimentos pela offerta que me fez de um exemplar da nova edição.

Lacerda de Almeida.



«O Sentimento Nacionalista» de Luiz d'Almeida Braga, ed. da «Casa Mayença», S. Paulo.

Em 13 de Maio do anno corrente, os estudantes do curso juridico de S. Paulo receberam solemnemente, em sua Faculdade, o Sr. Luiz d'Almeida Braga, escriptor portuguez, que então pronunciou o discurso «O Sentimento Nacionalista», agora artisticamente editado em opusculo pela revista *Dionysos*, órgão dos referidos estudantes. Da sua leitura o que deprehendemos é que o autor teve a intenção de replicar aos extremistas da campanha nacionalista no Brazil, fazendo a defesa de Portugal. Mas logo se vê que o Sr. Luiz d'Almeida Braga não pertence ao rôl dos imprudentes que acirram os animos do povo brasileiro e justificação os excessos da campanha nativista entre nós.

O autor vê as cousas de mais alto, com a serenidade da reflexão, com muita intelligencia, de um ponto de vista realmente digno das nossas sympathias.

Metade do discurso trata da mentalidade da nova geração de moços portuguezes, curada dos tedios de Antero e das sombrias amarguras de Antonio Nobre pela «disciplina do proprio pensamento», obra de regeneração empreendida, segundo confessa, pelos novos escriptores lusitanos, que «seria apenas illusoria e estéril, se não estivesse revestida pela Fé».

A esse movimento regenerador o Sr. Luiz d'Almeida Braga liga a revivescencia do sentimento tradicionalista que é fonte de belleza, de energia e de espiritalidade de qualquer povo civilisado. É então quando começam as referencias directas ao Brazil porque o orador recorda que estamos presos a Portugal pelo passado, pela tradição.

De facto, que ha de mais bello



na tradição brasileira do que a sua tradição catholica e esta de onde nos veio sinão de Portugal?

Isto não impede, como o autor reconhece, que cultivemos a nossa individualidade e sejamos ciosos dos nossos fóros de povo independente. E isto não impede, dizemos nós, a legitimidade de umas tantas campanhas contra reconhecidos abusos da colônia portugueza no Brazil.

Em summa, o discurso do Sr. Luiz d'Almeida Braga é um trabalho sereno de pensamento e uma pagina litteraria em que por vezes a imaginação ascendeu em grandes e formosos surtos.

Perillo Gomes.

●●

A AGUIA — Órgão da Renascença Portuguesa, vol. XIX — 2ª serie (Janeiro a Julho de 1921), Typ. do «Anuario do Brasil», (Almanak Laemmert).

Esta excellente revista traz como sempre consideravel numero de optimas paginas assignadas pelos melhores nomes, não só de escriptores portuguezes, como das letras brasileiras. Devo-lhe, porém, uma resposta á critica que em sua secção de bibliographia dedicou ao meu opusculo: *Do nacionalismo na hora presente*.

A resposta é a seguinte:

Se o Catholicismo não repelle os ideaes patrióticos, não repelle tambem o que chamamos nacionalismo. Este é, como disse, uma doutrinação, uma systematisação, uma orientação pratica a que se quer sujeitar as energias patrióticas, e o nome não foi mesmo creado senão para differenciar o que o patriotismo tem de puramente sentimental e instinctivo do que contem de possibilidades racionais, utilitarias, no bom sentido, e transformal-as em ideas-forças, digamos assim, em acção intellectual.

O nacionalismo não se apresenta, em verdade, como ligado essencialmente á Igreja Catholica. Pode haver um nacionalismo turco, como lembra o critico d'«*A Aguias*», e ser eminentemente contrario á Igreja. Nos paizes catholicos elle é, porém, essencialmente catholico, ou não é nacionalismo. Poderá haver em taes paizes protestantes, mahometanos, budhistas a que não falte o mais sincero e ardente patriotismo, que é sentimento natural. Num paiz catholico seria impossivel, entretanto, um nacionalismo anti ou a catholico. Faltar-lhe-iam a base da tradição, os elementos historicos com que armar-se em corpo de doutrina para a maioria absoluta dos que compõem e fazem propriamente a nação.

Quanto ás relações entre os diversos nacionalismos, ellas nada mais representam que as relações entre os povos: de amizade ou de luta, conforme os interesses e os ideaes de cada um, em cada dado momento. Os povos de civilisação christã combateram, combatem e combaterão sempre os povos de civilisação não christã. Esta é que é a verdade, por mais sophismas que invente o *fraternismo* commercial dos nossos dias. Entre os povos propriamente catholicos e os protestantes a mesma guerra existe e existirá por mais desmentidos passageiros que tenhamos á vista. Entre os povos catholicos poder-se-á estabelecer uma unidade cada vez maior, mas o nacionalismo pugna pela conservação do caracter proprio de cada um destes povos, caracter que foi sempre respeitado pela Igreja, a qual, se se bate pela a unidade — que é de dominio moral — não a confunde com a unificação — como differenciava Veuillot — pois é esta um attentado ás leis naturaes. Só no dominio moral a liberdade, é possivel, em qualquer sentido. Em qualquer outro dominio da vida não ha liberdade. Pode haver o milagre mas o milagre é o milagre, isto é, um facto com que se não deve contar e depende exclusivamente da vontade de Deus. Se se contraria uma lei natural raro é que o desastre não corresponda á realisação desse acto. As differenças de raças, as divisões entre povos são factos constantes na historia do mundo.

Não resta duvida que ha um espirito de unidade a trabalhar todos os povos: este é o da Igreja Catholica. Elle corresponde sentimental e racionalmente ao instincto de unidade, que é da natureza moral do homem talvez o mais profundo. A propria guerra, como doutrinavam José de Maistre e Veuillot, nada mais faz que o servir, as mais das vezes. Assim não a tememos. Peor que a guerra em si, é a paz creadora das guerras infames, proprias das civilisações corruptas e desmoralisadas. E são corruptos todos os povos que a si mesmo se não respeitam e não sabem onde ficam os limites da sua personalidade.

Só quem a si proprio se ama, isto é, se respeita, e não se confunde e sabe o que é, é capaz de amar sinceramente ao seu semelhante e respeitá-lo tambem. E neste sentido que sou nacionalista: quero que o Brazil tenha nitida a noção da sua personalidade no mundo contemporaneo, para que as outras nações tambem conheçam o que lhe devem de amor ou de respeito. Se tem tradições communs com os povos christãos da Europa — se ellas são mesmo a sua maior riqueza — por ellas me baterei, tanto quanto

estiver em minhas forças. Mas delle tambem conheço a tradição da sua liberdade, tradição que tem em annos de vida — e constitue o que é propriamente o Brazil-nação, o Brazil-unidade politica no seio da *magna-civitas*. Por ella hei de bater-me sempre tanto quanto tambem estiver em minhas forças.

Toda ligação que disfarce mais ou menos uma diminuição desta ultima tradição, considero uma infeliz mancebia, um attentado ao nosso caracter e como tal digna da mais veementemente repulsa.

Todo imperialismo que contra nós se exercer — guerreiro ou commercial — imposto pelas armas ou pelos sophismas áquella tradição, ajudado entre nós pela incuria governamental ou pelo nosso morbido sentimentalismo, ha de ter sempre em mim, catholico e brasileiro — embora humilimo — um inimigo declarado.

Jámais nenhum estrangeiro poderá dizer, de boa fé, que ha na minha attitude a mais leve sombra de xenophobia. Quero que o Brazil seja tão respeitado quanto qualquer delles quer que a sua patria o seja. Eis tudo.

Quanto a sophismas a uma attitude tão francamente exposta, tão claramente delineada, creia o critico da *Aguias* que elles em nada conseguirão alterar as minhas convicções, convicções que hão de ser sempre naturalmente defendidas, não só por mim, mas pelo bom senso mesmo de todos os bons brasileiros.

Jackson de Figueiredo.

●●

«Metaphysica versus Phenomenismo», Conego Florentino Barbosa — Ed. das «Vozes de Petropolis» — 1921.

A litteratura em derredor da obra de Farias Brito já não é pequena, contando mesmo alguns livros e trabalhos esparsos de grande valor documental da nossa mentalidade nos dias que correm, assim os livros dos Srs. Nestor Victor, Almeida Magalhães, José Sombra, Albino Monteiro, assim as paginas de Xavier Marques, Oliveira Lima, Ronald de Carvalho, Perillo Gomes, etc.,

Mas é sempre com alegria que registro qualquer trabalho de critica ao nosso grande espiritualista, mesmo que se trate de obra de combate e repulsa, pois o que ha a consignar é que, máu grado o que se pode chamar a morte legal do ensino da philosophia no Brazil, ainda não se extinguiu completamente



a nossa curiosidade em relação a esses domínios.

O livro do Sr. Conego Florentino Barbosa, doutor em philosophia pela Universidade Gregoriana, de Roma, sendo uma obra de polemica é também, pelo methodo adoptado assim como pela extensão de algumas das suas analyses, uma excellente dissertação sobre os aspectos capitais da philosophia contemporanea, e, certamente, o melhor trabalho que conheço sobre a parte propriamente metaphysica da obra de Farias Brito.

O livro é, como disse, um livro de polemica, e foi primitivamente uma serie de artigos em resposta a uma outra que vinha escrevendo, no jornal *A União*, da Parahyba, o Sr. Alcides Bezerra. Este já enfeixou também em livro o que então escreveu, e em ligeira critica que lhe fiz pelas columnas da *America Latina*, tive occasião de estranhar, não a sua discordancia com Farias Brito, mas a *suffisance*, o tom algumas vezes pernóstico com que ousava atacar quem não mais podia responder-lhe. Nem de longe neguei nem nego ao Sr. A. Bezerra características de uma forte personalidade em nosso mesquinho ambiente philosophico. Infelizmente ás insufficiencias de uma cultura, que ainda aceita como dogmas as mais frageis affirmações (?) do moderno scepticismo, quiz o Sr. A. Bezerra supprir com invectivas, ridiculas exclamações, graçolas de jornalismo barato, dirigidas contra um mestre do pensamento brasileiro contemporaneo, julgue-se-o do ponto de vista que se quizer julgar.

Contenta-me por isto ter conhecido agora que duras e esmagadoras respostas já tivera o Sr. Bezerra nas, aliás, delicadissimas analyses feitas pelo Sr. Conego Florentino Barbosa aos «seus melhores titulos» de pensador... É de notar que o Sr. Conego Barbosa não sahiu em defesa de Farias Brito só porque quizesse defender aquelle philosopho, sob tantos aspectos indefensavel para nós, catholicos. O que elle fez, porém, defendendo o autor da *Base physica do espirito*, foi defender o que no seu systema de idéas é patrimonio universal dos que não romperam com as tradições do espirito humano, de Aristoteles para cá. Deu á metaphysica o lugar de honra que lhe coube em todos os tempos e soube demonstrar com dados novos o que tantas vezes já demonstrara Farias Brito, isto é, que essa malsinada metaphysica, horrifico papão dos que aprenderam o *a b c* dos agnosticos modernos, jámais foi realmente despresada pelos maiores d'entre elles e é, queiram ou não queiram os seus seguidores, o mais alto dominio em que se move a razão humana, amparada ou não pela fé.

Não faço aqui critica, propriamente, nem ao livro do Sr. Bezerra nem ao do Sr. Conego F. Barbosa.

Meu intento é chamar a attenção de quantos se interessam pela obra do nosso grande pensador, para esta defesa expontanea, seria e admiravelmente documentada, que lhe fez o destemido sacerdote catholico.

Os capitulos, por exemplo, sobre o qualificativo de metaphysico e o que o completa formam paginas, que os defensores de Farias Brito deverão ter sempre á mão, como eloquentemente prova da profunda seriedade e do esclarecido entendimento que levavam o nosso philosopho a fazer uma affirmação que, aos olhos do Sr. Alcides e de tantos outros, pareceu sempre um absurdo.

O Sr. Conego Barbosa não é, entretanto, um escriptor. O seu livro resente-se de impropriedades litterarias — só litterarias — emfim, de todo o mau gesto de quem quer «fazer estylo». Como escriptor o seu antagonistas lhe levava grandes vantagens. Mas também foam as uni-cas. Apesar da muito mais expressiva e impressionante maneira de escrever do Sr. Alcides, quem quizer que, de boa fé, compare, já não direi o talento, mas a cultura dos dois contendores.

Ha de ver que o Sr. Alcides Bezerra recebeu optimas lições. Deus queira que as aproveite.

Jackson de Figueiredo.



## EDIÇÕES DA LIVRARIA CATHOLICA

- Perdão Divino* — Segundo a doutrina de S. Affonso de Ligorio — Tradução do Pe. Gualter Perriens C. SS. R., enc. . . . 2\$500
- Sob o olhar de Jesus* — Tradução do Dr. Lacerda de Almeida, br. 1\$000, enc. . . . 1\$500
- Mez de Maria* — Traduzido pelo Dr. Hosannah de Oliveira, encadernado . . . 3\$000
- Quinze minutos em companhia de Jesus Sacramentado*, 1 ex. \$100; 10 ex. \$900; 50 ex. 4\$0 e 100 ex. . . . 7\$000
- Jeca Tatá e Mané Chiquechique* por Ildefonso Albano, brochado 2\$000 enc. . . . 3\$000
- Do Nacionalismo na hora presente* — por Jackson de Figueiredo, br. . . . 2\$000

## LIVROS EM DEPOSITO

*O Evangelho Popular* — Explicação dos Evangelhos dos domingos e

dias santos em forma de homilias, pelo Pe. Lourenço Mattos, Prior de Belém e Professor da real Casa Pia de Lisboa, 4 vols. br. . . . 10\$000

*Curso de Religião* — Exposição dogmatica, apologetica e moral da Religião Christã, pelo Pe. Constantino Gomes de Mattos, 4 vols. br. . . . 6\$000

*Os quatro Evangelhos* — Tradução do Pe. Senna Freitas, cada vol. enc. 1\$500, os 4 vols. . . 5\$00

*O Santo Sacrificio da Missa* — Uma explicação da *Mystica e da Liturgia*, pelo Pe. Frei Rogerio Burgers, O. F. M., enc. . . 1\$000

*O Santo Sacrificio da Missa* pelo Pe. Francisco Cipullo, br. 2\$000

*Conferencias do Pe. Dr. Julio Maria*, br. . . . 1\$000

*Officio breve de N. Senhora*, brochado . . . 8\$00

*Breve curso de Philosophia* para o uso da mocidade das escolas e dos seminarios pelo Pe. Francisco Terlizzi, 2 tomos em 1 vol. br. . . . 5\$000

*Compendium Theologiae Moralis*, Editio undecima, quarta post codicem, pelo Pe. J. B. Ferreres S. J., 2 vols. enc. . . . 50\$000

*Casus conscientiae*, Editio quarta hispana, prima post codicem, por Gury e Ferreres S. J. 2 vols. enc. . . . 45\$000

*Catechismo Anti-espirita* pelo Pe. Bento Rodrigues S. J. br. 3\$000

*Catholico de acção* pelo Pe. Palan S. J., br. . . . 2\$000

*Penso e Creio* por Perillo Gomes, br. . . . 3\$000

*Jornal de Elisabeth Leseur*, brochado . . . 3\$500

*Cartas sobre o soffrimento* de Elisabeth Leseur, br. . . . 4\$500

*Tolices de Alan Kardec* por Justino Mendes, br. . . . 2\$000

*Visita ao SS. Sacramento*, br. \$100

*Os grandes pintores* — Collecção de 9 volumes, enc. . . . 27\$000

*Sahirá nestes dias* — *Livro Catholico Biblico* — trad. pelo Dr. Hosannah de Oliveira, 2 tomos, enc. em 1 vol. . . . 4\$000



## EDIÇÕES DA RENASCENÇA PORTUGUESA E DO ANNUARIO DO BRASIL

*Crónica d'El-Rei D. Duarte*, de Rui de Pina — Estudo, notas e glos. de Alfredo C. de Magalhães . . . 2\$000

*Autos de Gil Vicente* seguidos de alguns excertos — Compilação, prefácio e glossário de Afonso Lopes Vieira . . . 3\$000